

**UNIVERSIDADE DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

LORENA DA CRUZ GARCEZ

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ENSINANDO A PARTIR DO TEXTO
MALIKA CONTRA O REI MONSANTO.**

MARABÁ-PA

2017

LORENA DA CRUZ GARCEZ

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ENSINANDO A PARTIR DO TEXTO
MALIKA CONTRA O REI MONSANTO.**

Trabalho de Conclusão de
Curso De Pedagogia da
Universidade Federal do Sul e
Sudeste do Pará, com o objetivo
de obter um conceito na
disciplina TCC II. Orientadora:
Prof.^a Msc. Silvana de Sousa
Lourinho.

MARABÁ-PA

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Garcez, Lorena da Cruz

Educação ambiental: ensinando a partir do texto Malika contra o rei Monsanto / Lorena da Cruz Garcez ; orientadora, Silvana de Sousa Lourinho. — Marabá : [s. n.], 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2018.

1. Educação ambiental. 2. Ensino - Meios auxiliares. 3. Educação - Metodologia. 4. Ensino - Recursos audiovisuais. 5. Meio ambiente. I. Lourinho, Silvana de Sousa, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 372.357072

Elaborada por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

Dedicatória:

Ao meu Deus, família e amigos.

Agradecimentos:

À Deus que me deu o dom que gerou em mim um desejar e amor por esse curso. Creio que para buscar um aperfeiçoamento para esse dom.

Agradeço à minha família, meus pais, minha irmã e meu marido, que sempre me encorajou a fazer aquilo que eu amo e dando forças quando eu estava sem.

À minha orientadora que me recebeu com muito carinho e teve muita paciência em me esperar.

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo verificar as noções básicas de duas crianças, de 6 e 9 anos, sobre o meio ambiente e seus cuidados básicos, usando como instrumento facilitador o texto Malika contra o Rei Monsanto, de duas maneiras diferentes, contando e também utilizando o vídeo dessa história, realizada com fantoches. Para conseguir verificar essas noções teve como objetivos específicos: verificar o conhecimento das crianças sobre o meio ambiente e seus cuidados antes da apresentação do vídeo; apresentar a história Malika contra o rei Monsanto como ferramenta de ensino sobre o meio ambiente; coletar o conhecimento adquirido após a história, Malika contra o rei Monsanto. Tendo como metodologia a de pesquisa qualitativa de campo e o instrumento de coleta de dados um questionário fechado. Após a coleta e análise de dados percebe-se a deficiência nas escolas relacionado ao ensino da educação ambiental, perdendo a chance de criar futuros defensores do equilíbrio ambiental.

Palavra-chave: educação ambiental, meio ambiente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL	09
1.1 BREVE HISTÓRICO	09
1.2 CONCEITO	14
2. MALIKA CONTRA O REI MONSANTO	16
2.1 HISTÓRIA	16
2.2 EXPERIENCIA NA CONFECÇÃO DA PEÇA	36
2.3 EXPERIENCIA NA APRESENTAÇÃO DA PEÇA	38
3. ESTUDO DE CASO	40
3.1 COLETA DE DADOS	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	48

Introdução

O presente trabalho acadêmico tem como temática o conhecimento de crianças, onde uma tem 6 anos e a outra tem 9 anos, sobre o cuidado com o meio ambiental, a partir do texto: Malika contra o Rei Monsanto, texto esse que tem como objetivo orientar o leitor infantil sobre os cuidados com a alimentação e cuidados com a natureza numa linguagem clara para o público alvo, na cidade de Marabá- PA. Utilizando, na prática pedagógica, atividade lúdica como forma de facilitar à aquisição do conhecimento das crianças, visto que, através do lúdico, a criança está adaptando-se a receber de maneira mais acessível o que está sendo exposto à ela.

O interesse pelo tema abordado surgiu com a realização de uma peça de fantoche, produzida pela turma de pedagogia 2012 durante a disciplina: Novas Tecnologias e Trabalho Docente que está dentro do Núcleo de Novas tecnologias informáticas e comunicacionais da educação do curso de Pedagogia da Unifesspa. Na organização da peça a professora, responsável pela disciplina, organizou a função de cada aluna, onde as mesmas deram vida e voz para os personagens, seguindo fielmente a história utilizada. Essa peça de fantoches foi toda filmada para reproduzir por vídeo, tornando concreto o texto de Malika contra o Rei Monsanto.

Após a turma concluir a peça de fantoche, foi exposto, junto com a professora, responsável pela disciplina, o vídeo em uma praça pública de Marabá, vivenciando momentos de orientação para às crianças sobre a importância de preservar o meio ambiente e cuidados com a alimentação. A partir disso passei a refletir sobre a importância da educação ambiental ser trabalhada com mais ênfase, quando as crianças estão iniciando uma efetiva relação com o meio que as cercam e também estão iniciando uma formação crítica e pessoal.

A questão proposta para realização do trabalho foram as seguintes: Quais as noções de duas crianças de 6 e 9 anos sobre o meio ambiente e seus cuidados básicos? Utilizando a ludicidade como método de ensino, qual a facilidade da criança compreender o que está sendo colocado?

Para tentar responder às questões propostas, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- Verificar o conhecimento das crianças sobre o meio ambiente e seus cuidados antes da apresentação da peça;
- Apresentar a história Malika contra o Rei Monsanto como ferramenta de ensino sobre o meio ambiente;
- Coletar o conhecimento adquirido após a história, Malika contra o Rei Monsanto.

A pesquisa foi realizada dentro de uma abordagem qualitativa, a partir da interpretação dos dados coletados na pesquisa de campo, onde duas crianças são acompanhadas para perceber seu desenvolvimento durante a pesquisa. O instrumento de coleta foi um questionário fechado, realizado a partir de um roteiro com questões que buscaram responder às mesmas e os objetivos estabelecidos. Os resultados obtidos e analisados, com base na pesquisa qualitativa, possibilitam uma interpretação crítica sobre o tema em pauta.

No primeiro capítulo trabalharei sobre a importância da educação ambiental o seu histórico e seu conceito.

No segundo capítulo apresento o texto Malika contra o Rei Monsanto; minha Experiência na confecção da peça e na sua apresentação.

No terceiro capítulo apresento o estudo de caso no qual analiso a apropriação do conhecimento antes e depois do texto Malika contra o Rei Monsanto.

O trabalho é finalizado com as considerações finais, onde trata-se sobre a importância dos dados coletados e também pontos relevantes encontrados durante a pesquisa e em seus resultados.

1. Educação Ambiental

1.1 Breve histórico

Os problemas relacionados ao meio ambiente são antigos, porém pensar ações mitigadoras voltadas para estes problemas é um fenômeno recente, isso porque quando só quem sofria diretamente com os problemas ambientais era o proletariado¹, não era interessante cuidar do ambiente e de fato, historicamente, a principal vítima da degradação ambiental foi a classe trabalhadora (os pobres), uma vez que foram estes que sempre sofreram com as enchentes, com água poluída, com as doenças causadas pelo ambiente poluído, uma vez que foram esses que sempre viveram em situação de risco, nas margens de rios, palafitas verdadeiras sub-moradias.

Portanto, enquanto as consequências deste problema eram privilégio da classe operária, a discussão sobre o assunto praticamente inexistia, porém foi com o agravamento da crise e a consequente afetação dos outros segmentos da sociedade que a questão ambiental ganhou força.

As manifestações coletivas em defesa da natureza se resumiam em iniciativas esparsas, todas de cunho conservador e conservacionistas não constituindo um movimento social. Economicamente falando, o ambientalismo, movimento político cujas principais preocupações são os efeitos da poluição ambiental e o consequente comprometimento da qualidade de vida, emergiu de fato como uma doutrina dos que já estavam bem de vida contra aqueles que iniciavam sua luta pelo desenvolvimento e ainda não haviam atingido os níveis superiores do sucesso material.

No decorrer desses acontecimentos, tiveram início os movimentos de defesa da Ecologia, ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio orgânico ou inorgânico no qual vivem, e do meio ambiente, cujo marco foi a publicação do livro “Primavera Silenciosa” (1962), da americana Raquel Carson.

A partir de então foram realizados vários eventos em diferentes lugares para ganhar massa nessa organização. O primeiro evento foi a Conferência das

¹ Conjunto dos trabalhadores de um determinado país, região, cidade etc

Nações Unidas Sobre Meio Ambiente (1972), conhecida como A Conferência de Estocolmo. Com a participação de 113 países.

O evento, que denunciou a devastação da natureza mundial que ocorria naquele momento, deliberou que o crescimento humano precisaria ser repensado imediatamente (Pedrini: 1998, p. 26). Nesse encontro, foi elaborado um documento: a “Declaração Sobre Meio Ambiente Humano”. Trata-se do primeiro documento do direito internacional a reconhecer o direito humano a um meio ambiente de qualidade, que é aquele que permite ao homem viver com dignidade.

Um dos principais objetivos dessa conferência foi incentivar à educação ambiental para despertar o debate dos problemas ambientais existentes na época.

É importante ressaltar que nessa conferência os países subdesenvolvidos aproveitaram para condenar os países ricos, que propunham regras para amenizar os impactos ambientais, pois acreditavam que estavam usando essas estratégias para inibir a disputa do mercado entre eles. Impondo limites para os países “pobres” para frear a caminhada de conquista para crescer.

Em função da Conferência de Estocolmo, o governo brasileiro, pressionado pelo Banco Mundial, criou a Secretaria Especial do Meio Ambiente, com o objetivo de implementar uma gestão integrada do meio ambiente. Esse órgão possuía apenas três funcionários, o que mostrava o descaso da ditadura militar com as questões ambientais em nosso país.

De acordo com Perini (1998), o plano de ação dessa conferência sugeria a capacitação dos professores, assim como uma metodologia de ação para a educação ambiental em nível mundial. Tendo em vista essa política, foram realizadas mais três conferências internacionais sobre educação ambiental entre as décadas de 80 e 90.

Na conferência também foi destacado o caráter interdisciplinar da educação ambiental, além de ter traçado finalidades e estratégias em nível nacional e internacional, além de ter resultado na Declaração sobre a Educação Ambiental.

O caminho da EA no Brasil teve início em 1973, com a criação da Secretaria do Meio Ambiente (SEMA), vinculada ao Ministério do Interior. O desenvolvimento da EA no Brasil se deu mais relacionada com às escolas.

Em 1977 aconteceu em Tbilisi a I Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, onde EA foi definida como processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A EA também está relacionada com a prática de tomada de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida. (1977).

A Política Nacional de Meio Ambiente, de 1981, apresenta em seu Art.2º, Princípio X:

Art. 2º - A Política Nacional do Meio Ambiente tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana, atendidos os seguintes princípios:

I - ação governamental na manutenção do equilíbrio ecológico, considerando o meio ambiente como um patrimônio público a ser necessariamente assegurado e protegido, tendo em vista o uso coletivo;

II - racionalização do uso do solo, do subsolo, da água e do ar;

III - planejamento e fiscalização do uso dos recursos ambientais;

IV - proteção dos ecossistemas, com a preservação de áreas representativas;

V - controle e zoneamento das atividades potencial ou efetivamente poluidoras;

VI - incentivos ao estudo e à pesquisa de tecnologias orientadas para o uso racional e a proteção dos recursos ambientais;

VII - acompanhamento do estado da qualidade ambiental;

VIII - recuperação de áreas degradadas; IX - proteção de áreas ameaçadas de degradação;

X - educação ambiental a todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente. (Lei nº 6938, 1981).

Ao observar o artigo da Política Nacional de Meio Ambiente e relacionando-o à realidade vivida pela população. Há uma divergência significativa entre a teoria e a prática, por exemplo, o primeiro parágrafo, do artigo 2º, determina a função do governo no equilíbrio ecológico. Mas esses cuidados governamentais são poucos ou invisíveis aos olhos da população, na região de Marabá. Principalmente quando há a falta de fiscalização em agressões ao meio ambiente promovido por indivíduos ignorantes que não sabem ou ignoram as consequências futuras de seus atos.

O último parágrafo revela o objetivo da educação ambiental como disciplina escolar, que não é só para conscientização, mas também, para incentivar a participação ativa na defesa ao meio ambiente. Infelizmente há poucas atividades de educação ambiental direcionadas aos alunos e a comunidade, mantendo os mesmos com atitudes egoístas e individualistas, quando esses não se expressam ao ver agressões ou até mesmo provocar essas depredações ao meio ambiente infelizmente.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em Art. 225, no Capítulo VI - Do Meio Ambiente, Inciso VI, destaca a necessidade de “ promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. Nesse sentido solicita a obrigatoriedade da Educação Ambiental.

Em 1989 foi criado o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), que se destina à implantação da EA no âmbito não formal e à produção de materiais, como livros e vídeos.

Em 1992 aconteceu no Brasil, Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, o que resultou na produção de documentos como Agenda 21 e o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. A Agenda 21 consiste num programa de ações que objetiva promover, globalmente, uma nova forma de prática ambiental e uma nova forma de desenvolvimento: o desenvolvimento sustentável e a educação para sustentabilidade.

Em 1992 acontece a Rio-92, que resultou na Agenda 21. Em 1999 foi criada a Política Nacional de Educação Ambiental, pela Lei no. 9.795, a qual estabelece, no Art. 10: a educação ambiental será desenvolvida como prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.

Em 1999 foi criada a Política Nacional de Educação Ambiental, pela Lei no. 9.795, a qual estabelece, em seu Art. 9 a obrigatoriedade da educação ambiental na educação básica, incluindo a educação infantil:

Art. 9º Entende - se por educação ambiental na educação escolar a desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando:

I - Educação básica:

a) educação infantil;

b) ensino fundamental e

c) ensino médio; (Lei 9795/99 Art. 9, Inciso I).

A mesma lei, em seu Art. 10 garante que: “a educação ambiental será desenvolvida como prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal. ”

Atualmente, a educação ambiental tem sido motivo para debates e encontros mundialmente. Mas há a necessidade de projetos mais intensos envolvendo, principalmente, a comunidade, relacionados ao meio ambiente e quais cuidados ter para preservar e promover uma qualidade de vida prolongada.

O vídeo produzido do texto *Malika contra o rei Monsanto*, vem promovendo essa conscientização para o público infantil, podendo ser utilizado como ferramenta na educação ambiental. Tendo um mediador, capacitado, que consiga estimular a criança a compreender a seriedade dos cuidados ambientais, no qual, surgirá pequenos defensores do meio ambiente.

1.2 Conceito

A Educação Ambiental é um ramo da educação cujo objetivo é a disseminação do conhecimento sobre o ambiente, a fim de ajudar à sua preservação e utilização sustentável dos seus recursos. É um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros (RIGONAT apud Rodrigues e Costa, 2004), a educação ambiental apresenta-se como um elemento indispensável para a transformação da consciência ambiental e pode levar à mudança de valores e comportamentos.

A Educação Ambiental é realizada em três maneiras: formal, não formal e informal.

A educação formal é compreendida no âmbito da rede de ensino regular, cujos objetivos estão distribuídos por uma malha curricular, multidisciplinar, envolvendo atividades de ensino regular. Entende-se que um dos grandes empecilhos para o desenvolvimento da educação ambiental formal na atualidade é a dificuldade dos professores em trabalhar temas ligados ao meio ambiente, por falta de qualificação necessária isso porque os professores que devem trabalhar com a educação ambiental em sala de aula não são apenas aqueles

professores com formação na área ambiental, visto que este é um tema interdisciplinar.²

A não-formal é aquela que opera através de programas direcionados para os aspectos bem definidos da realidade social e ambiental; usa meios multivariados e tem função de informar e formar; atua com comunidades desenvolvendo ações na área da educação, comunicação, extensão e cultura; tem ainda o propósito informativo para o esclarecimento e gestão de ordem tecnológica.

E por fim, a educação ambiental informal se dirige ao grande público, ou seja, a sociedade que se vale dos meios de comunicação convencionais para se manter informada, se presta à difusão de informações e usa o espaço de programas institucionais no âmbito da política, da educação e da cultura ambiental.

O texto Malika contra o Rei Monsanto, usado na educação ambiental, se encaixa no modelo não formal, pois tem uma relação mais próxima com a realidade dos ouvintes já que o personagem principal é Malika, uma criança que quer mudar a realidade da sua mãe e cidade, podendo mostrar para as crianças que mesmo elas tão pequenas, tem força para mudar uma realidade ruim. E também pode ser usado com o objetivo de alertar os ouvintes a não deixarem que outras ideias venham mudar o estilo de vida saudável.

No próximo capítulo iremos conhecer melhor o texto de Malika contra o Rei Monsanto.

² Que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento

2. Malika contra o Rei Monsanto

O presente capítulo conta a história de uma menina curiosa, que quer saber o passado da sua mãe e o porquê de estarem sofrendo daquela forma. E ao descobrir que tudo era culpa do príncipe resolveu não aceitar que iria viver sofrendo. Então ela inicia uma grande aventura para mudar essa realidade.

2.1 A história

Era uma vez, numa terra chamada Brasilis, uma mãe e uma filha. A mãe se chamava Guaciara e a filha, sua única filha, se chamava Malika.

Eram tempos difíceis, tão difíceis que a mamãe de Malika estava enferma, doente, mas não doente o suficiente para não contar uma história para aquela que herdaria o seu minúsculo pedaço de terra. Então a mãe disse:

— Sente-se, Malika, sente-se no chão que eu vou lhe revelar uma história.

— Uma história, mamãe? Ou uma estória?

— Uma história, daquelas que realmente aconteceram no passado e explicam o nosso presente e nos diz como pode ser o nosso futuro.

— Mas a mamãe Guaciara está doente! Não deveria falar!

— Estou doente, muito doente — disse a mamãe de Malika — mas minha mente está saudável e meu espírito quer liberdade e você é a minha única esperança. Malika então decidiu não questionar a mãe desta vez, não desta vez, pois isso a desgastaria demais. Se sentou no chão com a sua peteca nas mãos e mirou seus pequenos olhos da cor das castanhas para a mãezinha. E a mamãe de Malika então revelou aquilo que sua filha jamais poderia imaginar:

— Era uma vez, Malika, aqui mesmo nessa terra, um príncipe, um príncipe muito egoísta e ganancioso, que veio das terras do alto. Acontece que ele estava em busca de uma linda princesa para ser sua rainha e seguir o reinado de seu pai. Então ele disse:

— Papai, chegou a hora, estou crescido e preciso de uma senhora.

Então o rei disse:

— Sim, precisa, mas aqui em nossas terras as mulheres estão todas doentes, precisamos encontrar mulheres saudáveis para que possam ter filhos saudáveis, futuros príncipes do meu reinado.

— Então o que farei se todas já estão doentes?

— Simples, o que o seu pai fez. Te contarei meus segredos. Fique de pé e ouça.

Então o príncipe se levantou diante do pai e ereto ouviu.

— Eu sou o rei Monsanto e você é o meu filho. E Monsantos são exploradores e é assim que você deve ser. Estas terras já estão gastas, mas há outras além do mar. E mulheres, muitas mulheres saudáveis. Saudáveis até em excesso. E se você for lá e pedir para se casar com elas, elas não vão querer, porque elas passam o dia a comer verduras e legumes e são inteligentes demais para quererem ser sua esposa.

— Então como eu faço? As sequestro? — Disse o príncipe já retirando sua espada da bainha e se sentindo valente.

— Não, assim não pois elas são muitas e você um só, e se sua esposa fica com raiva de você, seu casamento será um inferno. A melhor forma é como o seu pai fez, e o pai do seu pai fez e o pai do pai do seu pai fez.

— E o que fizeram?

— Fizemos as três técnicas da dominação:

— O que é dominação, mamãe? — Perguntou Malika.

— Dominação é controle sobre o outro, para forçá-lo a nos servir. Então o rei disse:

— Fizemos as três técnicas da dominação:

Empobrecimento, Rivalidade e Vício.

— Empobrecimento, rivalidade e vício?

— Sim. Aquelas mulheres já têm tudo e por isso vivem em harmonia e união, o que as tornam fortes e resistentes e cada vez mais inteligentes. Elas nunca vão aceitar se casar com você e encher esse reino de filhos.

— E como eu aplico essas técnicas?

— Fácil. No nosso reino o que não falta é sal. Leve o nosso sal e jogue sobre as terras delas, em cada planta. É de lá que elas tiram a força e a inteligência delas. As plantas vão secar e elas vão sentir o poder da fome. Mas vão querer se unir para encontrar uma solução. Então você aplica a segunda técnica, a da rivalidade. Faça um concurso oferecendo um grande prêmio para a vencedora.

— Qual prêmio? Ser minha princesa?

— Não, seu tolo! Eu já não disse que aquelas mulheres são inteligentes? Para que elas vão querer ser princesa se elas já têm tudo? Faça um concurso oferecendo algo que seja irresistível, que as forcem a querer parar de pegar na enxada para resolver o problema delas com as plantas, para perderem tempo competindo.

— E o que é irresistível?

— Qualquer coisa que vicia. E por isso que aqui no reino não falta... Açúcar!

— Açúcar? Então por isso mamãe e minhas tias gostavam tanto de doce? Por isso esse reino tem tantos doces?

— Sim! Finalmente você entendeu o reino do seu pai.

— Papai, o senhor é um gênio!

— Calma, eu ainda não terminei. Aquelas mulheres não gostam de açúcar, elas só vivem de frutas, verduras e legumes e por isso são fortes ágeis e inteligentes. Por isso você precisa jogar sal nas plantas delas, até elas sentirem fome e aí que você introduz o vício. Nossos maravilhosos doces! O cérebro vai detectar o excesso de glicose e vai ficar louco com o tanto de energia facilitada e então vai fazê-las adorar nossos doces e, o melhor, só querer os nossos doces. E então depois que elas já estiverem viciadas e desesperadas por mais, você faz o concurso oferecendo um pirulito!

— Um pirulito? E por que alguém ia competir por um pirulito?

— Porque ele vicia e é raro. Na terra delas não tem isso.

— Então tudo que eu tenho que fazer é ir nas terras delas, jogar sal, e depois distribuir doces grátis e depois fazer um concurso por um pirulito?

— Sim, mas elas não vão aceitar um pirulito de um estranho, principalmente do príncipe Monsanto. Eu já disse que elas não são tolas. Você precisa se passar por seu amigo. Precisa parecer ser tão bom quanto elas. Ser igual a elas.

— Igual?

— Sim. Pareça ser igual e pertencer ao grupo delas. Você pode usar cocos para isso...

Então Malika interrompeu sua mãe mais uma vez e disse:

— Calma, mãe. Isso realmente aconteceu?

— Sim, Malika. Aconteceu.

— Então deixe-me fazer uma pausa para refletir.

Malika ficou pensando por um tempo e olhou para o pirulito que carregava em sua mão. Ainda estava fechado, mas seria o segundo pirulito daquele dia, e o dia mal havia começado. Com um olhar de desânimo disse:

— E o que mais, mamãe?

— Então, o príncipe Monsanto pegou seu navio, lotou de sal e açúcar, os dois branquinhos, branquinhos, iguais à sua pele. E seguiu rumo à Brasília. Chegando lá, parou embaixo do primeiro coqueiro, partiu ao meio e colocou uma metade em cada peito e cobriu com um topzinho.

Vestiu sua fantasia de brasileiro igual seu pai havia recomendado e se infiltrou no meio das mulheres, se passando por uma delas. E ele dizia com uma voz suave:

— Oi, eu sou a Jaciara, sou igual a vocês. Vamos juntos, opa, juntas até a floresta colher nossas preciosas e nutritivas abóboras?

— Só abóboras, mamãe?

— Não apenas abóbora, mas principalmente as abóboras pois das sementes delas que as brasileiras retiravam as substâncias que reforçavam a sua

inteligência e ânimo. E então o príncipe foi, com as brasilienses, se passando por uma delas. E começou a jogar seu sal branco e refinado em tudo. Foi um longo e árduo dia de trabalho. O príncipe ficou cansado. Então foi aplicar a segunda tática que seu pai o ensinou, da competição. Na hora da festa, onde todas as brasilienses reforçavam sua amizade, o príncipe infiltrado começou a conversar com uma aqui e outra acolá e fofocar.

— O que é fofocar, mãe?

— É quando você fica a falar mal de uma pessoa para outras por pura falta de algo útil a fazer. Então o príncipe fez isso, tal como seu pai havia ensinado:

— Puxa, você não é tão preguiçosa quanto a outra moça ali me disse. — Ele dizia para uma — Ah, até que sua voz não é tão irritante como aquela mocinha ali me contava. — E ele dizia para outra. E aos poucos foi criando inimizade entre as brasilienses que ficavam ofendidas e com suspeitas sobre as outras.

— E elas diziam mesmo isso sobre elas, mãe?

— Não, elas eram inteligentes, porque comiam da abóbora até as sementes, eu não disse? Mas o príncipe parecia ser uma delas, pois carregava duas cuias de coco no peito. E então, em algumas semanas, todas as plantas, as verduras, os legumes e até as árvores estavam secas! O sal no solo as fez secar. E a comida começou a faltar em Brasilis. E sem frutas, verduras e legumes, até os animais morrem.

E assim aconteceu. Uma grande pobreza se instalou em Brasilis. As brasilienses ficaram às voltas, preocupadas com o que estava acontecendo e já famintas e fracas. Mas também desconfiadas e rancorosas entre elas. E então, o príncipe aproveitou para se fazer de herói. Retirou suas cuias de coco do peito e vestiu seus trajes de príncipe e sobre o seu cavalo disse:

— Eu sou um herói e um poço de generosidade. Estão fracas e famintas, mas eu tenho aqui ótimas fontes de energia: Doces! Peguem, peguem, peguem à vontade. Se fartem dos meus maravilhosos doces.

— As brasilienses ficaram desconfiadas do príncipe pois ele não pertencia àquele lugar, mas elas viram que até as formigas comiam aquilo, então provavelmente era bom. E então foram coletando os doces embalados do

príncipe e assim o grande feitiço aconteceu! Aquela quantidade concentrada de glicose fez os cérebros das brasilienses ficarem loucos com tanta fartura de energia e a sensação de muito gostoso foi aumentada. Os cérebros foram dizendo: “Aumentando o nível de satisfação agora! Pode mandar mais!”. E então as brasilienses ficaram viciadas nos doces do príncipe.

Mas ele não estava ali para dar doces, e sim dominá-las.

No dia seguinte ele retornou, em seu cavalo, e disse:

— Os doces acabaram! Mas como eu sou bom, estou disposto a dar meu último doce. Um pirulito! Caramelizado, mais doce que qualquer fruta. Sabor e satisfação que não acaba mais. Mas como vocês são muitas, e só há um pirulito, eu decidi agir da forma mais justa possível e farei um concurso.

Quem ganhar o concurso leva o pirulito.

As brasilienses estavam famintas e já com saudades daquele produto que tanto prazer as dava. As plantas não cresciam mais, os animais estavam doentes e doce era tudo que restara. Mas os doces, apesar de serem bem doces, não continham as substâncias que davam inteligência e vigor para as brasilienses. Elas já não conseguiam pensar direito.

O cérebro precisa muito mais que açúcar. Assim como todo o corpo.

— E como será esse concurso? — Uma brasiliense perguntou preocupada e já desanimada. Se fosse o concurso de subir o mais alto em árvores, ela já previa fracasso de tanta fraqueza e cansaço.

— Simples! De onde eu venho existe uma coisa chamada beleza. E é belo quem tem o nariz igual ao meu, comprido, pontudo e curvado para o lado.

— Nariz comprido, mãe? Mas isso não é feio?

— Não lá no reino dos Monsanto. Eles nasciam com narizes bem compridos, logo, ter nariz comprido era o ideal e você entenderá por que. Pois as brasilienses não gostaram da ideia. Elas sentiram resistência em ter o nariz igual ao do príncipe pois elas achavam ele estranho, logo feio. E seus narizes eram de tamanho normal, nem tão longo, nem tão curto, o suficiente para respirarem bem, até mesmo quando subiam os montes correndo. Então o príncipe

percebendo que seu concurso não era atraente, decidiu abrir o Manual de Dominação do seu pai, o rei Monsanto. E leu a estratégia para aqueles casos.

— Pois bem, vocês não acham o meu nariz bonito e não querem ser belas tais como as mulheres de Monsanto que se fartam de doces.

— Em Monsanto há mais desses doces?

— Sim, variedades. Mais doces que cenouras ou qualquer fruta daqui.

— Mas gostamos dos nossos narizes assim!

— Tudo bem. Tudo bem. Eu sou paciente. O concurso acontecerá em 30 dias. Lhes darei tempo para refletirem.

O príncipe fingiu recuar, mas ele apenas se dispersou para implantar a estratégia do seu pai: Propaganda! Então ele espalhou cartazes exibindo mulheres com narizes bem longos e curvos por toda a Brasília.

Eles tomaram conta do local. Nas pedras, nas árvores, até nos riachos e lagos. Em todo lugar que as brasilienses iam havia fotos com mulheres de narizes longos e tortos como o do príncipe e em poucos dias aquela ideia que parecia desinteressante foi ficando mais interessante para as brasilienses. Afinal, as moças dos cartazes sorriam, pareciam felizes.

E ainda seguravam seus doces e pirulitos. Enquanto as brasilienses perambulavam famintas. Então, algumas delas foram para a frente do lago e começaram a se imaginar como aquelas moças, felizes, sorridentes, com doces e narizes cumpridos. Passaram a andar com pregadores nos narizes para deixar eles longos, o mais longo possível.

Outras tentavam fazer narizes de barro e grudar nos delas.

Então, o concurso do príncipe começou a receber inscrições e ficar badalado. Até mesmo o príncipe que antes era desinteressante para as brasilienses passou a ser visto como bonito.

E elas não viam a hora de comer aquele pirulito, pois os doces que algumas haviam armazenado estavam acabando quando não eram roubados. E como só uma ganharia o pirulito, sempre que elas viam que a outra estava

ficando com o nariz mais deformado que o dela, elas se desesperavam e investiam em mais mutilação. Aos poucos, foram se vendo como inimigas e desde que o príncipe implantara fofocas entre elas que elas mal se falavam.

E quando um grupo não conversa, as ideias não são trocadas e os mal-entendidos reinam. As brasilienses foram ficando cada vez mais fracas tanto sozinhas quanto como em comunidade. Elas estavam pobres, desunidas e rivalizadas. Brasília já não era como antes, muito pelo contrário, era um lugar de plantas ressecadas, solo árido e muitos cartazes. Algumas poucas diziam que aquele concurso era estúpido mas logo elas eram vistas como inimigas. E então o concurso aconteceu. Uma delas foi vencedora por ter o nariz mais deformado e ganhou o pirulito. Ciente de que as outras não apenas queriam seu pirulito, mas estavam famintas, a vencedora se manteve ao lado do príncipe, que era visto como o herói justo que tentava combater a fome em Brasília.

Bem, o príncipe não pretendia ter um reinado com apenas uma mulher, mas um bocado, pois ele queria ser poderoso igual ao seu pai e ter muitos filhos para controlar e dominar. Alguns seriam futuros príncipes e seguiriam o manual da dominação. Então ele lançou o concurso do casamento. Mais dez prêmios seriam concedidos em forma de casamento e um lar repleto de doces e pirulitos.

As brasilienses ficaram loucas com a ideia. Nunca pensaram em se casar, muito menos com aquele príncipe, mas aquilo chamado casamento parecia ser muito bom pois seria fonte de doces. Então o príncipe foi mudando os cartazes e colocando noivas de narizes tortos e compridos, felizes e sorridentes, num lar repleto de doces e ao lado do narigudo príncipe.

O príncipe antes só pensava em se casar com uma moça, mas a disputa por seus doces era tanta que ele pensou “por que não duas ou dez? Estou em vantagem”.

— Dez esposas, mãe?

— Dez esposas, Malika.

— E só por causa de doces?

— A pobreza e o desespero fazem estrago na nossa mente.

Malika se pôs a pensar e olhou ao seu redor, para a sua pequena e simples casa. E então se voltou para a mãe.

— Acabou a história, mãe?

— Não mesmo, apenas começou. Acontece que o príncipe conseguiu suas dez esposas de Brasilis mas ele era ganancioso, ele era um Monsanto. Então ele viu serventia nas restantes. Elas trabalhariam para eles. E por doces.

Pelos mais ordinários.

— Elas aceitaram?

— Elas já não pensavam direito, estavam fracas e só se alimentavam de doces. Aliás, não conversavam, não trocavam ideias e informações. Se tivessem conversado, uma ia ajudar a arejar as ideias da outra e elas veriam que elas não eram inimigas, mas manipuladas pelo príncipe. E o príncipe não era o único príncipe de Monsanto, havia outros, e eles vieram a Brasilis e aplicaram as táticas do manual de dominação do rei Monsanto. E facilmente iludiram mais mulheres. E exploraram outras. Pobres, famintas, desunidas, rivais e desiludidas, as brasilienses de comunidade próspera e autônoma, viraram serviçais dos Monsanto.

Eles jogaram tanto sal nas terras, que boa parte dela virou deserto, restando só algumas poucas para plantar. Então, o que já não estava bom ficou pior. O príncipe que virou rei ficou pior que seu pai. E vendo que se fartava da pobreza das brasilienses, pois elas ficavam desesperadas, desunidas e facilmente domináveis, ele queria elas doentes também.

— Por que, mãe?

— Porque não apenas o vício dá lucro, mas o desespero de morrer também. Ele percebeu que sem a comida que dava na terra, elas ficavam não apenas fracas e desanimadas, mas também doentes. E quando doentes, ficavam com medo de morrer. E por esse medo elas faziam qualquer coisa. Se elas vivessem constantemente perto da morte, cederiam fácil às exigências do príncipe, que agora já era rei. E era ele que tinha sempre a cura para aquelas doenças que ele mesmo causava nelas. Então, ele passou a colocar veneno nas plantas da brasilienses. E quando elas achavam que podiam balancear o vazio dos doces

em nutrientes com frutas, legumes e vegetais, elas estavam consumindo veneno. E desde então em nossa terra não temos mais direito à terra para plantar, tudo pertence ao príncipe, e nem mais planta sem veneno.

— Está tudo envenenado, mãe? — perguntou Malika com um certo desespero.

— O rei coloca veneno em tudo, filha. Por isso mais uma vez estou doente e fraca demais para cuidar da minha filha.

— Mas nenhuma planta está sem veneno?

— Eu acho que algumas sobreviveram, mas elas estão tão raras que o rei só disponibiliza elas para as mulheres com os narizes entortados, as que casaram com ele.

— Então a solução é eu me casar com o rei?

— Esta é a solução, Malika?

Malika ficou pensativa. Demasiadamente pensativa. E triste.

Sua mãe acompanhou o medo que se manifestava em seu olhar. E disse:

— Ei, nem pense nisso. É isso que o rei quer, que você sinta medo.

— Mas como não ter medo se vamos todas ficar doentes e morrer, mamãe?

— Porque é pelo medo que o rei se mantém no trono.

— E se plantarmos de volta nossas plantas e pararmos de comer doces e venenos, mãe?

— E se pararmos, Malika? — a mãe perguntou, piscando para a pequena e fechou os olhos de cansaço. E adormeceu.

Malika esperta como era fixou a última frase da mãe:

“Porque é pelo medo que o rei se mantém no trono”. E decidiu não temer, não temer nunca. Nem mesmo vendo sua mãe já bem doente. Ela não seria uma nariz torto e nem facilmente iludida por doces. E nem se deixaria levar pelos cartazes. Ela seria Malika, a menina que colocaria o rei nariz torto no seu devido lugar, num montinho de sal.

Então ela foi conversar com a sua tia Iracira, que morava com ela e sua mãe. E a perguntou se ela sabia da história verdadeira de Brasilis.

— Eu sabia.

— E o que faremos, tia Iracira?

— Eu faria alguma coisa, mas não consigo me desviciar do açúcar e ando sempre cansada e muito ocupada trabalhando para o rei.

— Então ele também a faz trabalhar para ele?

— Só faz. Em casa só durmo, mal consigo conversar com a sua mãe. — Disse a tia Iracira.

— Então é por isso que vivem fora de casa e mal têm tempo para conversarem comigo?

— Sim, Malika.

— E se plantássemos nossa comida, tia?

— Plantar aqui em casa?

— Sim. Aí não ficaríamos doentes, nem cansadas e sem ânimo.

— Você acha que podemos derrotar o rei assim?

— Sim, podemos! Somos brasilienses, tia! Não princesas narizes tortos!

— Os narizes tortos são os mais bonitos...

— Não, não são! A senhora está dominada pelos cartazes do rei. Eles estão espalhados em todos os lugares!

Malika saiu revoltada e quase chorou. Mas se recusou a demonstrar medo. Ela era uma brasiliense e preferia morrer a ser dominada pelo rei. Mas ela não precisava morrer, nem sua mãe, pois elas conheciam a história verdadeira de Brasilis e podiam mudar o futuro. Bastava não repetir os erros que favoreceram o rei nariz torto. A primeira coisa era se livrar dos cartazes.

Malika passou a espalhar desenhos dela mesma pelos muros das ruas.

“Brasilienses têm narizes lindos”, eles diziam.

Mas os cartazes dos reis pareciam infinitos, enquanto os dela eram um gota no oceano. Malika não desanimou. Se suas amigas fizessem cartazes junto com ela, em alguns meses eles se fariam percebidos. Ela foi procurar uma por uma. Mas todas só queriam saber de doces e das atrações da corte. Nem quiseram ouvir a história de Malika. As histórias do rei eram melhores porque eram mais divertidas.

Malika quase chorou de desânimo, mas desânimo ela não sentiria. Ela estava decidida a ser, já desde pequena, uma ferpa no dedo do rei. No nariz do rei. Então ela bolou um segundo plano pois pensou:

“Minhas amigas estão desnutridas porque só se alimentam de açúcar. Mas minha mãe falou que sementes de abóboras nutrem o cérebro, nos deixando mais inteligentes.

Se eu der sementes de abóbora para as minhas amigas, elas vão parar para pelo menos me ouvir e juntas derrotaremos os cartazes do rei”.

Malika tinha uma missão. Arrumar sementes de abóboras.

Aquilo que nem ela mesma gostava. Mas não adiantava dar sementes de abóbora envenenada para as amigas se elas muito em breve ficariam doentes e cederiam para o rei.

Ela precisava de sementes sem veneno.

— Tia Iracira, essa abóbora da senhora tem veneno?

— Claro que tem, Malika. Mas é o que tem para dar para a sua mãe.

— Mas mamãe está doente justamente porque só ingere veneno...

— É isso ou morrer de fome. — Disse a tia.

Malika ficou desanimada mais uma vez.

— E onde posso encontrar abóboras sem veneno? —

Malika perguntou.

A tia parou para pensar por um bom tempo.

Malika já se acreditava ignorada e saía pela porta quando a tia disse:

— Onde o homem ainda quase não pisa.

— Onde fica isso?

— Você saberá quando olhar ao redor.

Malika saiu para rua e olhou ao redor. Para a rua asfaltada.

— Os homens pisam ali, e muito.

Para as paredes das casas...

— Ali só cresce no máximo musgo.

Para o céu.

— Será que tem abóboras nas nuvens?

E quando a sua imaginação já a levava a outros lugares, ela finalmente olhou, para onde o homem quase não pisa.

— No morro!

Malika bravamente seguiu para a região mais verde, ainda verde.

— O rei nariz torto não gosta dos morros. E por causa disso lá deve haver ainda abóboras sem veneno.

Mas ela sabia que o mundo não era seguro para uma garotinha. Então ela chamou o Ratão, seu cachorro. Ratão era brabo, mas só com os outros, com ela e sua família não, ele só era protetor.

— Hoje nós vamos dar um passeio muito especial. Espero que você não esteja doente também, Ratão.

E os dois foram, para a parte mais verde e ainda não devastada pelo reino dos Monsanto narigudos.

Mas um homem a parou no caminho.

— Aonde você vai, garotinha? Está sozinha?

— Venha, Ratão! Nunca, nunca fale com estranhos!

Ratão latiu para o homem, ameaçando avançar sobre ele. Esse recuou. Mas Malika já estava longe, correndo para o lado oposto ao homem. Ratão a seguiu e alcançou fácil com as suas quatro patas.

Ela parou para descansar sobre seus pequenos joelhos.

— Arf, arf, esta foi por pouco. Agora vamos ter que dar a volta toda para ele não perceber que estamos subindo o morro. Venha, Ratão, não tenha medo. Basta não fazer barulho.

Então seguiram entre as árvores, que cobriam todo o morro, impossibilitando que ela fosse vista. Ficaram horas subindo e em busca de uma abóbora.

— Ratão, não seja molenga. Esta é uma missão muito importante. Muito muito mesmo. Você quer água, eu trouxe uma garrafa. Malika bebeu um quarto da garrafa de água e deu o resto para Ratão. Como ele era babão, ele sentia mais sede. Mas mais uma hora depois sua missão se provou produtiva.

— Uma abóbora! Uma abóbora enorme, de casca verde e bem rugosa, descansava no chão. Malika só precisava de uma, por enquanto.

— É tão pesada que é impossível eu carregar mais que isso. Mas quer saber, eu posso deixa-la rolar pelo morro abaixo!

Malika foi deixando a abóbora rolar, certa de que ela ia sendo barrada aos poucos pelas pedras e pedregulhos. E troncos de árvore. Quando alcançaram a base do morro, sua abóbora estava rachada.

— É bom que já facilitou o corte. Vamos, Ratão! Vamos preparar a janta da mamãe.

Chegando em casa, Malika foi ver a mãe que continuava doente, sobre a cama. Sua tia Iracira não estava em casa.

— Mãe, mãe! Não se preocupe, de hoje em diante a senhora só comerá comida sem veneno.

— Do que fala, Malika?

— A gente vai enfraquecer o reinado dos Monsanto e retomar Brasilis. Eu juro.

Malika foi para a cozinha, procurou um livro de receitas e olhou todos os pratos que tinham abóbora. Um deles era bem simples, mas precisava de coco. E coentro.

— Ratão, você sabe onde tem coco por aqui? Na casa da dona Nivalda. Com certeza ela não põe veneno. Vamos! Vamos pedir um coco para ela. Malika avisou à mãe que sairia, mas que voltaria logo.

— É fácil, Ratão, só fazer aquela cara de pidão. Ela não vai resistir. Chegaram na porta da dona Nivalda e gritaram seu nome. A mulher demorou a responder, mas quando fez não saiu da janela.

— Por favor, precisamos da sua ajuda. Com a mão na cintura e a vassoura na mão, a dona Nivalda desceu até o portão com a cara mais mal humorada do dia.

— Precisamos de coco, para fazer o xarope da mamãe.

— Xarope com coco?

— Sim.

— Eu não tenho coco. Estão todos verdes.

— Sempre fica um monte estragando no chão, dona Nivalda.

— Eu acabei de limpar o quintal, não tem mais nada. Foi então que o Ratão fez sua parte e se deitou de barriga para cima, com a língua para fora. Dona Nivalda não resistiu e se pôs a rir.

— Certo, certo. Entre, menina. Pegue o que tiver no chão mas sem fazer bagunça.

— Venha, Ratão! Já em casa, com seus seis cocos, Malika seguiu a receita dispensando todos os ingredientes que não tinha.

Separou as sementes da abóbora, dispensou os miolos e cortou o legume gigante em pequenos cubos. Enquanto o ensopado levantava fervura, as sementes assavam no forno.

— Duvido que nessa vizinhança haja coentro, Ratão. Mas amanhã mesmo verei como se planta isso.

Quando ficou pronta, sua abóbora cozida com leite de coco, ela levou até a sua mãe.

— O que é isso?

— Comida sem veneno, mãe. A partir de hoje, resistiremos aos Monsanto.

Sua mãe arregalou os olhos e se sentiu a mãe mais sortuda do mundo. Ainda que aquele dia fosse único, ela jamais esqueceria tamanha braveza e determinação na sua filha. Quando a tia Iracira chegou em casa, Malika contou-lhe todos seus planos.

— Mas então vamos comer só abóboras? E quando acabarem as do morro? E não sabe que um prato saudável deve ter cinco cores?

— Tome, tia Iracira.

— O que é isso?

— Sementes de abóbora sem veneno, te deixará melhor. A tia Iracira encarou Malika com perplexidade. A menina parecia mesmo disposta a lutar contra o reinado dos Monsanto. Lembrou-se então de quando era menina e também muito sonhadora. Acreditou que um dia seria uma princesa nariz torto e viveria no reino dos doces. Hoje era apenas uma fatigada operária do rei.

Mas Malika não deixou de fixar a crítica da sua tia: “Um prato saudável deve ter cinco cores”. E refletiu que só abóbora e suas sementes não mudariam o mundo. Ela precisava de outros vegetais, pois antes do príncipe Monsanto chegar até aquela terra, as brasileiros comiam com variedade, grande variedade.

No dia seguinte, após descer suada o morro com mais uma abóbora, e suas folhas, que dariam um nutritivo refogado, e suas flores, que dariam uma bela salada florida, ela passou a observar o que tinha na sua região.

— Aqui há muitas amendoeiras, Ratão. Certamente há substâncias de vigor e inteligência aí. E sem veneno. Sei que é sem veneno porque está na rua, não está à venda. É irônico que pagamos caro por doenças empacotadas. Esse rei é um fanfarrão. Hunf.

Então ela deixou a abóbora, com suas folhas e flores, sobre a pia e retornou à rua com um cesto. E se pôs a coletar amêndoas caídas no chão. Havia tantas que juntou umas cem.

Já atrás dos muros havia abacate e acerola.

— Vamos ter que pedir. Já sabe o esquema, não é, Ratão?

Ratão latiu e abanou o rabo. Ele estava muito animado.

Passaram em dez casas, com persistência e resistência. Oito se recusaram a ceder até capim, mas duas foram como a dona Nivalda e deixou Malika apanhar acerola, pitanga, abacate e bertalha. Malika sabia que aquela generosidade poderia se esgotar e pediu uma muda de pitanga em uma casa, e sementes de bertalha na outra.

— Veja, Ratão, minhas mãos estão todas manchadas de roxo com essas sementes.

Em casa, Malika preparou a refeição novamente da sua mãe, sem deixar de lado as sementes de abóbora. E montou um prato bem colorido, com os vegetais refogados, a salada de flores, e farofa de amêndoas colhidas da rua.

— Bem, se depender dessas amêndoas, de fome a gente não morre. E duvido que de desnutrição. Concorda, Ratão?

Malika também plantou a muda de pitanga e as sementes de bertalha. Regaria todos os dias e conversaria com as plantinhas. Queria que elas entendessem a importância delas no mundo.

— Vocês são uma das coisas mais preciosas nesta terra, entendem? Vocês não têm veneno. E vão curar as brasileiros da desnutrição e doenças.

Em alguns dias sua mãe saiu da cama. Não queria acreditar que a comida de Malika que a tinha curado, mas ficou com tanto medo de voltar para a cama que resolveu não abandonar a filha naquela missão. Aliás, era lindo ver sua pequena tentando resistir à dominação dos Monsanto.

Malika foi assando mais sementes de abóbora e também amêndoas. Sua segunda parte do plano estava prestes a ser elaborada.

— O que é isso?

— Sementes de abóbora e amêndoas, torradinhas. Eu que fiz. — disse Malika às amigas.

— Eu não gosto. — elas chiaram recusando.

— Vocês não provaram.

As amigas então decidiram provar pela amiga, para valorizar seu trabalho. E acabaram repetindo. Repetiram e repetiram e acabaram lamentando por Malika ter trago tão pouco.

— Como se faz isso?

— Só lavar as sementes, secar, e torrar com orégano e sal. — explicou Malika.

— Se quiserem, podem me ajudar a fazer mais amanhã.

Malika, então, com muita paciência e dedicação manteve-se coletando os alimentos disponíveis em sua região, e coletando mudinhas ou sementes para plantar em sua própria casa. Por falta de espaço, ela teve a ideia de alojar as plantinhas numa estante ou mesmo na parede. Suas amigas logo queriam saber que tanto de plantas eram aquelas que ela insistia em levar para casa.

— Temos que manter as plantinhas em ambientes parecidos com o solo natural o máximo possível. — Ensinou, Malika, a suas amiguinhas.

— Como fazemos isso?

— Simples. Só se lembrarem das aulas de ciências. Primeiro pedrinhas, depois areia e em seguida terra adubada. Para que a água seja drenada e não estrague as raízes das plantinhas. Regar todos os dias e deixar em local com sol. Algumas preferem sombra.

— E como você sabe quem gosta de sol e quem não gosta?

— Eu observo o quanto elas estão felizes nos cantinhos onde coloco. Veja, eu fiz catálogos com as datas de cultivo de cada uma e informações sobre o sol.

— Você pretende mesmo ser uma jardineira, Malika? Isso dá muito pouco dinheiro.

— Estou em busca de coisas melhores que dinheiro, meninas.

Quando Malika se sentiu segura com as suas amigas, quando elas pareciam mais dispostas a lhe ouvir, ela pediu que cada uma sentasse pois ela contaria a história mais importante da vida delas.

— História com H ou com E? — Uma perguntou.

— Com H! Ou seja, uma história que realmente aconteceu. E então começou: “Era uma vez, aqui mesmo nessa terra, um príncipe, um príncipe muito egoísta e ganancioso, que veio das terras do alto. ” Ela contava com emoção e entusiasmo. As meninas ficavam boquiabertas.

“E desde então em nossa terra não temos mais direito à terra para plantar, tudo pertence ao príncipe, e nem mais planta sem veneno. ” — Finalizou Malika com uma ótima memória.

Um silêncio então se fez. Estavam todas abismadas.

— Então quer dizer que comemos veneno? — Perguntou uma de suas amiguinhas.

— E que vamos ficar doentes diversas vezes? — Outra perguntou quase chorando.

— Já estamos ficando. — disse Malika com firmeza.

— E agora? Que mundo horrível. O que será de nossas mães? Porque elas não lutam contra o rei?

— Porque estão sem vigor e desnutridas. E vivem ocupadas demais para comprar até a água, que um dia já foi limpa, limpíssima, e de graça!

— Então o melhor é tentarmos virar princesas nariz entortado, não? — uma concluiu.

— É melhor virarmos princesas narizes entortados, viciadas em doces, e que vão dar mais filhos para o rei, meninas?

As meninas ficaram pensativas. E bem desanimadas.

— Sinto vontade de chorar... — a menorzinha disse. — Que dia triste...

— Choro é coisa de meninos! Meninas não choram. Brasilienses não choram! Elas são destemidas e enfrentam o rei. Mas para isso precisamos nos unir, o máximo possível e nunca acreditar que somos inimigas, pois precisamos mesmo uma das outras. Eu quero saber, vocês estão dispostas a lutar contra o rei nariz torto?

— E como faremos isso, Malika? — Resistindo e persistindo. — Malika então apresentou seu plano de derrota do reinado dos Monsanto. — A primeira coisa é identificar as artimanhas do rei, por isso eu dividi essa história com vocês. A segunda coisa é resistir a elas. O que nos faz acharmos que nossos narizes deveriam mesmo ser longos, tortos e pontudos e que devemos comer só doces são as inúmeras propagandas que o rei espalhou em todos os lugares, inclusive nos rios e lagos.

— Aaaah... — exclamaram as meninas ao refletirem que os cartazes estavam mesmo em todos os lugares.

— A terceira coisa é a gente resgatar a alimentação que nos dá vigor e inteligência. A alimentação sem veneno. Para que não fiquemos doentes, nem a gente e nem as nossas mães.

— Boa! — uma gritou.

— Se refere às sementes de abóbora com orégano?

— E às amêndoas torradinhas?

— Não apenas elas. Há um reino de alimentos cheios de substâncias importantes para nos manter cada vez mais fortes e inteligentes e derrotarmos o rei. Se reaprendermos a gostar desses alimentos, o rei terá muita dificuldade de nos lograr. E muito menos nos fazer indo ao hospital o tempo todo. Por isso estou plantando tudo que posso em casa e evitando ao máximo que eu, mamãe e tia Iracira comamos as comidas que o rei nos vende nos mercados.

— Uau... Eu amei essa ideia. Você pensou nela sozinha?

— Desde que mudei minha alimentação, desde que passei a resistir ao rei, eu melhorei muito meu raciocínio. Até minhas notas na escola melhoraram. O rei

adora isso, que a gente fique tão fracas a ponto de nem entendermos o que a professora está falando. — disse Malika com revolta.

— E depois disso, Malika? O que faremos?

— Depois disso vamos nos unir, mais do que imã e moedas. E vamos juntas pensar em como eliminar de vez o rei Monsanto de nossas terras. Fortes, inteligentes e unidas, os Monsantos nunca vão nos dominar!

Malika foi de pronto aplaudida pelas meninas, que emocionadas se viram convencidas a serem bravas, corajosas e resistentes ao manual de dominação dos Monsantos. Elas estavam decididas a resistirem a todas as artimanhas do rei e crescerem fortes, inteligentes e unidas, sempre unidas. Em poucos meses, mais e mais meninas se uniram à Malika e suas amigas, e uma geração de meninas corajosas, espertas e unidas estava prestes a crescer e dar muito, mas muito trabalho para rei nariz torto. Ele teria que ser mais esperto que elas.

Mas ele jamais seria, porque elas eram mais que fortes e inteligentes, elas eram unidas!

2.2 Experiência na confecção da Peça

O texto foi apresentado a turma de Pedagogia 2012 da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) na disciplina, ofertada pelo curso, sétimo período, nomeado de Novas Tecnologias e Trabalho Docente. Para que com ele, pensássemos um método lúdico de apresentar e alcançar um público de crianças em um ambiente não escolar.

Antes de decidir a forma como apresentar o texto às crianças de idades variadas. Fomos levadas a obter o conhecimento prévio individual sobre o texto, Malika contra o rei Monsanto, para que no próximo momento dedicássemos tempo ao debate, não só do texto em si, mas o relacionando às realidades e experiências ligadas aos temas que o mesmo expõe.

Durante o debate, administrado pela professora responsável pela disciplina, podemos perceber que estávamos alheias à alguns acontecimentos ligados a alimentação e tudo que engloba a área alimentícia. E foi perceptível que, por falta da interação com o que acontece ao nosso redor, podemos ser assemelhadas as amigas de Malika quando não estavam cientes da realidade

de sua família, de seu povo. Que foram despertadas a partir dos reais acontecimentos que ali se realizava.

Após termos absorvido tudo o que o texto propõe como, os tópicos a serem valorizados que envolvem a melhoria de vida relacionada aos alimentos. Podemos então partir para a segunda etapa. Etapa essa que tinha como principal foco: buscar a melhor forma de expor o texto para que às crianças de idades variadas, conseguissem entender o objetivo ali proposto. Então foi-se apresentando diversas ideias onde o que se enquadrou nos nossos desejos foi: expor o texto em forma de peça de fantoche.

Para fluir de forma tranquila a produção da peça, dividimos em duas equipes: equipe responsável pelo manuseio e fala dos fantoches e equipe de filmagem e edição, que iriam organizar o que seria produzido. Cada equipe designou a função das componentes para que fluísse de maneira equilibrada, sem sobrecarregar a outra. Primeira equipe a agir foi a dos fantoches, onde teria que interpretar os personagens através dos bonecos, fala por fala sendo fiel ao texto. Foram 3 dias de produção para que saísse da melhor forma possível. Tivemos que desligar o ar condicionado para não atrapalhar no entendimento das falas dos fantoches, sempre buscávamos a perfeição que estava ao nosso alcance.

A equipe de edição gravava cada parte apresentada pela primeira equipe onde, após concluído com os fantoches, iriam organizar e melhorar o que seria possível.

Concluindo a função de cada equipe, fomos juntas apreciar o vídeo, lembrando e sorrindo de partes que só nós vivemos enquanto produzíamos.

O vídeo está disponível no seguinte endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=aBJakqv6de8>.

2.3 Experiência na apresentação da Peça

Para estudar a importância do ensino feito a partir de métodos eficazes para a maior compreensão do aluno, expus a história Malika contra Rei Monsanto à duas crianças uma de 6 anos e outra de 9 anos, tanto o texto escrito, quanto o vídeo produzido com a turma foi utilizado para ensinar os cuidados que deve-se ter com o meio ambiente, contribuição do ser humano nos maus tratos

à natureza e incentivar que mesmo sendo tão pequeno pode sim fazer a diferença com hábitos que beneficiem o lugar que tem nos proporcionado alimento, água e ar puro e não destruição da mesma.

A escolha em trabalhar com duas crianças fora do ambiente escolar veio por ser construída uma relação de confiança a partir da afetividade, durante dois anos de trabalho pedagógico de reforço escolar com elas e não correndo o risco de manipulação dos dados coletados de seus conhecimentos.

Pois segundo Wallon, um professor que ensina com afetividade, transmite para a criança confiança promovendo um ambiente onde ela possa ser ela mesma não temendo reprovações, pois receberá ensinamentos para organizar ou melhorar seus conhecimentos.

No primeiro momento busquei entender qual o nível de conhecimento sobre os cuidados com o meio ambiente de cada criança, para que, a partir disso, perceba-se o impacto que o texto faria na vida e nas suas realidades.

Logo depois disso, mostrei e contei o texto para analisar qual a maneira com que a criança consegue captar, se através do ouvir ou através do ver. No decorrer da história, ia fazendo-se pausas para comentários e perguntas tanto delas como minhas, onde explicava-se palavras que não são familiares. Ocorreu em um período longo com pequenas pausas para beber água ou ir ao banheiro.

Após passado dois dias da apresentação do texto para elas, mostrei o vídeo fazendo a mesma dinâmica de pausar para perguntas e comentários de ambas.

Chegando à conclusão de que cada forma em que foi apresentada, oral e visualmente, deixou diferentes lições marcadas nas crianças.

Na apresentação oral, o que mais marcou a criança menor foi que o final da história, onde Malika conta para as amigas sobre como era e como ficou a cidade e a vida das mulheres daquele lugar. Ficou marcada por esta ser a última coisa que foi falado e explicado. Fato comum em crianças da idade e

principalmente vem relacionado quando se contar qualquer história oralmente sem ajuda de outros recursos.

Já na apresentação do vídeo, a criança menor gravou mais a parte que a Malika largou o doce por perceber que o doce era uma estratégia para dominar as mulheres saudáveis e de torna-las cansadas e sem inteligência para não terem forças para lutar contra o Rei.

A criança mais velha marcou, na apresentação oral, a parte que Malika batalha para ajudar a mãe a melhorar de saúde após ouvir e acreditar na história, especificamente de não ter medo de procurar a abóbora em um lugar desconhecido. Ela levou a história para a sua realidade, colocando-se no lugar de Malika, e também iria à procura do que for para ajudá-la.

Na apresentação da história com o auxílio do vídeo, a criança mais velha marcou a parte em que o rei Monsanto se disfarça de uma brasiliense para provocar confusão entre elas.

Veremos a diferença de aprendizagem enquanto contado a história verbalmente e visualmente.

3. Estudo de caso

O estudo de caso visa analisar um tema observado na realidade e explicar como e porque ele ocorre, identificando os fatores que contribuem para que o tema em questão se materialize. Em outras palavras, um estudo de caso se propõe a identificar um problema, analisar as evidências, desenvolver argumentos lógicos, avaliar e propor soluções.

Stake (1994, p. 236) explica que estudo de caso não é um método específico de pesquisa, mas uma forma particular de estudo. Em geral, as técnicas de coleta de dados nos estudos de caso são as usadas nos estudos sociológicos ou antropológicos, como por exemplo: observação, entrevista, análise de documentos, gravações, anotações de campo, mas não são as técnicas que definem o tipo de estudo, e sim o conhecimento que dele advém.

Essa técnica de pesquisa se vale da coleta de dados qualitativos, sendo que esta coleta pode ocorrer por meio de um ou mais métodos, e não segue uma linha de investigação rígida. O objeto do estudo de caso pode ser qualquer unidade individual, como uma pessoa, um grupo, uma comunidade, uma organização, etc.

3.1 Coleta de dados

As crianças estudadas vêm de uma caminhada de convivência, por isso todos os pensamentos e ideias que elas expressam são de total confiança, pois não sofreram influência de um comportamento diferente do que elas são por já estarem com um convívio longo com a pesquisadora.

Nesses dois anos de convívio houve a construção de um relacionamento a partir de uma estratégia, a afetividade. Estratégia essa adotada quando percebeu que os resultados positivos na aprendizagem das crianças crescera significativamente.

E o que é afetividade? A afetividade é um estado de afinidade profunda entre os sujeitos. Assim, na interação afetiva com outro sujeito, cada

sujeito intensifica sua relação consigo mesmo, observa seus limites e, ao mesmo tempo, aprende a respeitar os limites do outro.

As psicólogas Cláudia Davis e Zilma de Oliveira em seus estudos retratam que,

A presença do adulto dá a criança condições de segurança física e emocional que a levam a explorar mais o ambiente e, portanto a aprender. Por outro lado, a interação humana envolve também a afetividade e a emoção como elemento básico. (1998:83:84).

De acordo com o exposto as emoções estão presentes quando estabelecemos relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos.

As crianças estudadas têm idades de 6 e 9 anos, essas participam da escola desde os 5 anos de idade. As apresentações, tanto orais quanto visuais, do texto Malika contra o Rei Monsanto, foram feitas em dias alternados para não comprometer o resultado de cada etapa. O primeiro foi a apresentação oral e dois dias depois foi a apresentação visual, onde antes de cada um foi feita perguntas de um questionário para perceber qual o conhecimento delas, ligados ao meio ambiente, antes e depois das apresentações.

Segue o questionário respondido por cada criança antes das apresentações:

Criança menor

a) O que é meio ambiente?

R: Meio ambiente é onde os animais moram com as suas famílias, onde tem arvore, onde fica os rios.

b) Qual a importância do meio ambiente?

R: A importância é que os animais têm onde morar, tem as árvores para a gente comer as frutas e tem rio para a gente banhar.

c) Por que devemos cuidar do meio ambiente?

R: Para sempre ter comida, fruta árvore e para ter rios

d) Como devemos cuidar do meio ambiente?

R: Não contar as arvores e nem não gastar a água.

Criança maior

a) O que é meio ambiente?

R: Meio ambiente é onde as pessoas moram e as florestas, natureza.

b) Qual a importância do meio ambiente?

R: A importância é que ela é nela que produzimos o nosso alimento e também é nela que acontece a limpeza da água da chuva para podemos beber.

c) Por que devemos cuidar do meio ambiente?

R: Para não acabar com a nossa vida e nem conta a vida dos animais.

d) Como devemos cuidar do meio ambiente?

R: Não poluir os rios e as ruas.

Agora o mesmo questionário feito depois das apresentações, tanto visual quanto oral:

Criança menor

a) O que é meio ambiente?

R: Meio ambiente é a nossa casa, porque moramos nela.

b) Qual a importância do meio ambiente?

R: A importância é que ela nos deixa com muita saúde com alimentos que não fazem mal.

c) Por que devemos cuidar do meio ambiente?

R: Para a gente ter saúde, para não comer besteira porque senão adoecem.

d) Como devemos cuidar do meio ambiente?

R: Cuidando para não acabar a comida e não deixar outra pessoa estragar onde plantam a comida.

Criança maior

a) O que é meio ambiente?

R: Meio ambiente é onde as pessoas moram e as florestas, natureza.

b) Qual a importância do meio ambiente?

R: A importância é que o meio ambiente é o que nos deixa com saúde, pois podemos plantar para termos comida boa e sem veneno.

c) Por que devemos cuidar do meio ambiente?

R: Para termos saúde e também cuidar para as crianças que estão nascendo terem saúde.

d) Como devemos cuidar do meio ambiente?

R: Não deixar que os homens maus joguem veneno para estragar os alimentos.
E não aceitar as mentiras de pessoas que fazem o mal para a natureza.

4. Considerações Finais

Portanto, este trabalho foi dedicado e construído para que às crianças ao crescerem em seu desenvolvimento, no qual existem fases da vida que são a melhor idade para se aprender, destacando ainda que elas serão o futuro do nosso planeta, esses pequenos indivíduos poderão fazer história e quando ensinados e influenciados enquanto pequenos as chances de uma mudança, futuramente, é maior.

Buscou-se entender também a importância do ensino sobre o meio ambiente, para compreender que as ações do ser humano neste meio podem prejudicar significativamente a natureza ou melhorá-la. E que mesmo sendo poucos, os que querem ser defensores do equilíbrio ecológico, esses podem unir forças e estimular outros a defenderem também o que é da comunidade, tendo como base Art.2º, Princípio X da Política Nacional de Meio Ambiente, de 1981.

Usando a história *Malika contra o rei Monsanto* como recurso para melhor compreensão e fixação, das consequências e dos cuidados a se ter com o meio ambiente, houve uma certa facilidade, pois, as crianças estudadas foram atraídas pelo assunto, por esse ser explicado a partir de uma história interessante e não apenas mais um conteúdo pesado e cansativo, transformando o ensino assim de forma mais dinâmica e atraente.

Para se ter um ensino-aprendizagem eficaz torna-se necessário adaptações para alcançar a atenção de cada criança. Foi notável a diferença de conhecimento sobre o meio ambiente antes e depois da história. Também antes e depois da forma como a história foi contada. Percebe-se também a falta de comprometimento da escola com esse tema, quando as crianças respondiam como se fosse fora da realidade ou algo que não iria afetá-las.

É necessário ainda considerar as diferentes realidades sociais onde ocorrem as práticas de educação ambiental e entender os seus diferentes objetivos. A Educação Ambiental deve ser considerada um processo permanente de desenvolvimento dos próprios indivíduos e suas comunidades, no qual, estes adquiram conhecimento, valores, habilidades, experiências e determinações que os tornem aptos a agir. Colocando em prática as propostas do Art.2º, Princípio X, A Política Nacional de Meio Ambiente, de 1981.

Com esse trabalho foi notável como as crianças estão abertas a receber orientações que deem a elas uma força de querer colocar em prática uma mudança para melhorar a Cidade o Estado e País.

É preciso dar forças a EA, pois, é dessa forma que podemos amenizar os estragos que estão tão visíveis no Brasil. Certo de que a mudança não acontecerá imediatamente, mas sim numa desconstrução de hábitos errôneos e construção de costumes para valorizar e respeitar a terra que tanto nos beneficia.

Diante disso, cabe dizer que a educação tem a capacidade de promover valores, não sendo somente um meio de transmitir informações, trata-se de um processo que envolve transformações do sujeito que aprende e incide sobre sua identidade e posturas diante do mundo. Desenvolvendo habilidades como mais cooperação, e menos competitividade, assim se pode ter grandes expectativas sobre a recuperação do meio ambiente, ou o congelamento da destruição dos bens naturais que ainda não entraram em extinção no nosso planeta.

Referências:

_____. Identidades da Educação Ambiental Brasileira: Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2004

------. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>

------. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei no. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L9394.htm>.

BRASIL. Secretaria do Meio Ambiente. Conceitos para se fazer Educação Ambiental. São Paulo, 1999.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 1992.

KINDEL, Eunice Aita Isaia; FABIANO, Weiber da; SAMARCO, Yanina Micaela (Orgs.). **Educação Ambiental: vários olhares e várias práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LOULEIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUDKE, M. Discussão do Trabalho de R.E. Stake Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional. *Educação e Seleção*, n.7, jan/jun'1983.

MANJERICÃO, Keli. **Malika contra o Rei Monsanto**. <https://malika244.wordpress.com/2016/07/04/baixar-o-livro-aqui/>

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1994